

Representações do Impossível

Notas sobre o termo e a idéia de exterminação¹

Uma questão de tradução e... muito além

Michel Plon (*)

Resumo

Não é sem significação que o termo alemão *Ausrottung*, utilizado por Freud em 1915, seja traduzido em francês por *extirpation* (extirpação) em vez de *extermination* (exterminação).

Em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud menciona o caráter ilusório de qualquer tentativa de exterminar no homem sua pulsão de exterminar seu semelhante. Impossível exterminar a pulsão de exterminar o outro. Por que a humanidade não tirou algumas conclusões dessa aporia ? Porque existe aí uma forma de gozo : busca infinita do inacessível, procura do mito do Uno, fantasias totalitárias,

Era 1915, nas *Reflexões para os tempos de guerra e morte*², a grande carnificina já estava então em curso, quando Freud utiliza, sem dúvida pela primeira vez, o termo *Ausrottung*, traduzido em francês por *extermination* (exterminação) em 1981 e *extirpation* (extirpação) em 1988. Nos principais dicionários de língua francesa, os dois termos são muito próximos e diferem apenas por pequenas nuances e podem ser sinônimos de eliminação, liquidação e ainda erradicação, termo que o Duque de Saint Simon emprega para falar do futuro das religiosas de Port Royal, representantes perseguidas da corrente jansenista considerada, então, potencialmente perigosa pelas instituições políticas, a monarquia, e pelas instituições eclesiásticas francesas. Exterminação, extirpação, erradicação e

* Psicanalista. Diretor de pesquisa no CNRS. Membro do comitê de redação da revista *Essaim* (Paris), co-autor com Elisabeth Roudinesco do *Dicionário de Psicanálise* (1997), Paris, Fayard, 2000 (Editora Zahar, Rio). Meus agradecimentos a Lothar Baier por suas indicações quanto ao uso corrente das palavras alemãs *Ausrottung*, *Vertilgung* e *Vernichtung*.

¹ Essas reflexões foram primeiramente publicadas no n° 18 da revista *Sud/Nord* na primavera de 2003. O presente texto é uma versão bastante modificada do texto original.

² Sigmund Freud, *Actuelles sur la guerre et la mort* (1915), OCP vol.XIII, Paris, PUF, 1988, pp. 125-155. E, *Considérations actuelles sur la guerre et sur la mort*, in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981, pp. 7-40. Citamos aqui a tradução de 1988.

eliminação, trata-se sempre, qualquer que seja o contexto e os meios utilizados, de destruir o que é considerado mau, potencialmente destrutivo, perseguir até o desaparecimento total o elemento perturbador perigoso para a integridade, a pureza ou a soberania de uma entidade orgânica ou política. Esses termos são também portadores de uma modalidade de ação que a quantifica: a ação é definitiva, total e exclui, ou pelo menos conjura, a existência de um segundo ou terceiro tempo ou de uma meia-medida.

Os dicionários alemães não se detêm assim como os franceses nas nuances, ainda que atestem a diferença entre os termos *Ausrottung*, *Vertilgung* e *Vernichtung* que designam, de forma quase idêntica, as ações de destruir, de aniquilar tudo o que é obstáculo, tudo o que entrava, incomoda, impede ou ameaça uma entidade qualquer que seja ela.

Se nos distanciarmos dessa concepção mais ou menos rígida, a de uma semântica considerada como neutra e atemporal e que se apresenta como parte da linguística, e assim suscetível de reivindicar uma legitimidade científica³, se considerarmos que o sentido das palavras e a relação significante/significado não são unívocas, que entre dois termos academicamente considerados como sinônimos, nuances e mesmo mais que nuances existem nas quais podem fazer-se ouvir tanto as dimensões do inconsciente quanto as da história, é evidente que desde Auschwitz e a Shoah, o emprego do termo exterminação não poderia ter em francês o mesmo peso, a mesma conotação de extirpação ou erradicação. E o mesmo acontece na língua alemã: é o termo *Vernichtung*, e não *Ausrottung*, ainda que este último tenha sido utilizado por Hitler, que remete à ação nazista do genocídio e o de *Vernichtungslager* que designa sem nenhum equívoco os campos de exterminação.⁴

Essas precisões são importantes. De fato, se num primeiro tempo o uso do termo *extirpação* em vez de *exterminação* para traduzir *Ausrottung* pode constituir-se

³ Michel Pêcheux fez uma crítica, muito justa no essencial, de inspiração marxista dessa concepção da semântica. Cf. Michel Pêcheux, *Les vérités de La Palice*, Paris, Maspero, 1975.

⁴ Deve-se ressaltar que em francês, e tratando-se da história do povo judeu, esta especificidade do termo exterminação aparece inscrita bem antes da tragédia da *Shoah*. Os versos de Racine em *Esther* são testemunhas disso (I.3) : o pai de Ester, Mardoqueu, em resposta a sua filha que pergunta por que ele tem o ar triste, anuncia-lhe o édito de Amã assinado pelo Rei : « On doit de tous les juifs exterminer la race/ Au sanguinaire Aman nous sommes tous livrés/ (...) Cieux ! Eclairerez-vous cet horrible carnage ?/ le fer ne connaîtra ni le sexe ni l'âge/ Tout doit servir de proie aux tigres, aux vautours... Esther : Ô Dieu ! Qui vois former des desseins si funestes,/As-tu donc de Jacob abandonné les restes ? », Paris, Gallimard, 1999, Bibliothèque de La Pléiade, p. 958-959.

numa forma de evitar uma leitura anacrônica do texto de Freud, que consistiria em dotar seu autor de uma visão premonitória do que iria acontecer 25 anos depois, não é menos verdade, e este breve artigo pretende mostrar, que a análise de 1915 desenvolve-se de maneira perfeitamente coerente na de 1933 _ Por que a guerra ? Ninguém pode negar que para além do uso por Freud do termo *Ausrottung* em vez de *Vernichtung*, esses dois textos, quaisquer que sejam as diferenças de circunstâncias de redação, tratam, em termos mais que vizinhos, da guerra como cenário, bem particular mas não exclusivo, dessa aspiração humana a exterminar outros homens, povos, raças e mesmo categorias uma vez que os nazistas tentaram também desde o início exterminar os « doentes mentais ».⁵ Somos, assim, levados a sustentar que a escolha dos tradutores das Obras Completas de Freud em francês, *extirpation* em vez de *extermination* para traduzir a palavra *Ausrottung*, teria a intenção, longe de constituir uma proteção a uma leitura anacrônica, de dissociar o texto de Freud de qualquer referência à história do século XX, do qual no entanto ele constitui o humus, de isolar o texto freudiano dessa trama sangrenta que conduz da primeira guerra mundial à segunda⁶ e mesmo muito além dela. A escolha de um termo e não de outro poderia parecer sem especial significado, mas ele é um ponto crítico que vem juntar-se à lista, já longa, dos que questionam essa tradução.⁷

... o além do mal

Quando Freud emprega o termo *Ausrottung* nesse texto de 1915, é para lembrar a possibilidade de uma supressão, de uma erradicação das más inclinações dos homens, dessas inclinações que podem levá-los a cometer « atos de crueldade, de perfídia, de traição e de brutalidade cuja possibilidade seria considerada incompatível com o nível cultural deles » (198, p. 133).

⁵ Cf. sobre esse assunto o livro de Alice Ricciardi von Platen, *L'extermination des malades mentaux dans l'Allemagne nazie*, trad. Patrick Faugeras, Ramonville Saint-Agne, érès, 2001. É claro, o problema se coloca no momento dessa observação, e ele aparecerá de novo, da especificidade da *Shoah* em relação às outras formas nazistas de extermínio, a do povo Cigano, por exemplo, da mesma forma que se colocaria a questão da utilização hoje por indivíduos ou grupos, da Shoah assim como a expressão de uma posição nas polémicas violentas que não deixam de surgir desde que se levante esta espécie de questão. É preciso ficar claro que conhecemos a existência dessas questões mas que as deixamos de lado deliberadamente no contexto desse breve artigo.

⁶ Essa articulação entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial que ele não viveu mas pressentiu, não escapou a Freud como testemunha a obra, freqüentemente tida como menor como observa Gérard Miller no prefácio que redigiu com o embaixador W. Bullitt, *Le Président T. W. Wilson*, Paris, Payot, 1990.

⁷ Cf. principalmente as observações críticas de Georges-Arthur Goldschmidt, sobretudo na sua obra *Quand Freud voit la mer*, Paris, Buchet/Chastel, 1999, as de Jacques Le Rider, « Les traducteurs de Freud à l'épreuve de l'étranger », *Essaim*, n° 9, 2002, « Ce n'est pas le rêve », *Essaim*, n° 11, 2003, e nosso artigo « Rêver de rêver du

De fato, desde o início dessas considerações Freud constata um verdadeiro fracasso do progresso cultural da humanidade _ constatação que farão, em expressões parecidas, muito mais tarde, justamente depois de Auschwitz, autores como Pierre Vidal-Naquet ou Georges-Arthur Goldschmidt, este último perguntando com razão « ...se Auschwitz não representa de fato, em algum lugar, o fim lógico de toda uma parte da civilização do Ocidente ».⁸ Essa mesma constatação faz mais recentemente o sociólogo Zygmunt Bauman⁹ quando relaciona, contra as outras tentativas de explicação que se voltam para uma suposta patologia ou especificidade da história alemã, o Holocausto¹⁰ e as formas de nossa modernidade. Freud faz essa constatação com uma ponta de falsa ingenuidade e de ironia : « Grandes nações de raça branca dominando o mundo, às quais coube a direção do gênero humano, das quais sabia-se que se consagrariam a interesses de envergadura mundial e cujas criações compreendiam tantos progressos técnicos no domínio da natureza quanto os valores de cultura artísticos e científicos – desses povos tínhamos esperado que pudessem resolver por outras vias [que as da guerra] as dissensões e os conflitos de interesses » (Ibidem, P. 128) A desilusão que podia provocar a fúria guerreira em relação a essas esperanças não era realmente uma desilusão, como atesta Freud algumas páginas depois, uma vez que todo esse grande tumulto, em vez de significar que os homens teriam descido ainda mais do que se podia temer, testemunhava apenas que eles « ... não tinham ainda se elevado tanto quanto imaginávamos ». (Ibid. P. 138).

Freud perguntou-se, ou fingiu perguntar-se, se seria possível extirpar do espírito humano esta forma extrema de tendência ao mal que constitui o desejo sempre renovado de eliminar seu próximo. Mas em vez de cultivar qualquer ilusão ele respondeu imediatamente pela forma negativa afirmando que « na verdade não há nenhuma 'extirpação' do mal » e que « a investigação psicológica – num sentido mais estrito a investigação psicanalítica – mostra, em vez disso, que a essência mais profunda do homem consiste em forças pulsionais que, de natureza elementar, são semelhantes em todos os homens e têm como objetivo a satisfação de algumas

rêve », *La Quinzaine littéraire*, 848, fevereiro 2003 (tradução que será publicada na revista Agora), esses dois últimos tratam especialmente da mais nova tradução da *Traumdeutung*, PUF, 2003.

⁸ Georges-Arthur Goldschmidt, op. citada, 1999. Esta frase foi na realidade tirada de um texto acrescentado ao livro citado mas datando de 1984 e publicado anteriormente na revista *Le Coq Héron*, n° 92.

⁹ Zygmunt Bauman, *Modernité et Holocauste*, Paris, La Fabrique, 2002.

¹⁰ Usamos aqui o termo *Holocausto*

necessidades originais. Essas forças pulsionais, acrescenta Freud, não são nem boas nem más » (Ibid. P. 134)¹¹

Esta precisão mostra que este texto se articula com o processo de elaboração da « Metapsicologia » e mais precisamente com o da reformulação que Freud faz de sua concepção do pulsional e do seu destino ; ela tem seu fundamento em algo que aparece como um *impossível* : impossível de exterminar o mal pois trata-se de uma força que este termo « mal » não consegue qualificar com rigor, de uma força pulsional, este pulsional que « nos aparece como um conceito-fronteira entre anímico e somático ».¹²

Se é, pois, impossível exterminar no homem sua inclinação à crueldade e à barbárie e, por conseguinte, seu desejo de exterminar outros seres humanos pelo simples fato que esta tendência é inerente a seu funcionamento psíquico, é preciso deduzir que somos confrontados a uma aporia : impossível exterminar a idéia de extermínio¹³ já que esta idéia é ela própria da ordem de um impossível quaisquer que sejam os horrores e as atrocidades às quais ela pode conduzir quando tenta-se ultrapassar esse caráter de impossível, quando tenta-se concretizá-la.

Qual é, pois, esse pulsional existente no retorno incessante dessas idéias de extermínio, de extirpação, de erradicação e de purificação que tentam realizar os genocídios e etnocídios dos quais nada indica que estejam caminhando para algum tipo de atenuação ?

Antes de responder a esta questão, é preciso observar, fizemos alusão antes, que essas idéias de extermínio, de extirpação, de purificação desenvolvem-se quase sempre sobre dois terrenos privilegiados, o da medicina e o da política, cujo entrelaçamento pode, em certas circunstâncias, revelar-se catastrófico.

¹¹ A noção do pulsional, que não é nem bom nem mau, seria comparável à noção de « grande homem » : não vale a pena escreve Freud em « L'Homme Moïse » (Paris, Gallimard, 1986, p. 206) procurar neste caso « um conteúdo desprovido de ambigüidade (...) não nos interessamos tanto pela essência do grande homem quanto pela maneira como ele age sobre os homens que o cercam ». Esta fórmula é a consequência teórica do ateísmo de Freud que Lacan reencontrará.

¹² Sigmund Freud, *Pulsions et destin des pulsions*, OCP, vol. XIII, p. 167. Vale ressaltar que Freud adota aí, como em muitas outras circunstâncias, uma posição que pode ser qualificada de espinozista já que sobre uma questão que se presta facilmente a isso, ele afasta qualquer forma de julgamento de caráter moral e opta por uma explicação que não contesta a realidade do fato estudado.

¹³ Contrariamente ao que escrevia Georges-Arthur Goldschmidt em 1984 (Op. citada) que parecia constatar um irreversível: *Exterminar a extermínio*, tal lhe parecia ser então o resultado da conjugação que existia entre a recrudescência das manifestações da corrente negacionista e o silêncio sobre o genocídio. De forma justa, Goldschmidt recusava energicamente o termo Holocausto, verdadeiro sintoma deste acobertamento da tragédia, mas é preciso acrescentar que o filme de Claude Lanzmann não tinha ainda sido lançado.

O terreno da medicina, primeiramente, caracterizado pelas louváveis preocupações de proteção do organismo e de preservação deste de toda forma de contaminação pela exterminação que é empreendida _ de forma obstinada, tendo como horizonte a perspectiva de fins terapêuticos, fantasia de uma exterminação da morte _ das doenças e dos agentes que as provocam. Mas esses objetivos são acompanhados de uma concepção higienista suscetível, em algumas circunstâncias ideológicas e políticas _ primeira etapa do entrelaçamento mencionado _ de facilitar o caminho deste desvio que é o eugenismo, cuja presença discreta ou ativa pode ser levantada em diversas conjunturas históricas ou geográficas bem diversas. Estudando as condições da implantação da psicanálise no Brasil, no Estado de São Paulo mais precisamente, Lucia Valladares de Oliveira mostra como a corrente higienista nas instituições médicas e psiquiátricas brasileiras dos anos 30 podiam levar a concepções normativas em consonância com a ideologia totalitária da época e como « ... longe de provocar uma ruptura na maneira de conceber a problemática da saúde mental, a introdução de algumas técnicas psicanalíticas inscreve-se no processo de continuidade, no qual o que faz a diferença é a adequação dos instrumentos de observação para a proposta higienista ». ¹⁴ Por seu turno, Jean Ayme _ mas poderíamos multiplicar os exemplos _ lembra que o eugenismo foi adotado pela medicina alemã desde os anos 20 tendo como pano de fundo filosófico uma imagem da sociedade comparável a um organismo biológico e que a esta época, uns vinte anos antes da implantação pelos nazistas da « solução final », a concepção eugenista era amplamente difundida no mundo ocidental : nos Estados Unidos haviam sido implantadas leis de esterilização eugênicas e a França tinha proposto, através de Alexis Carrel, uma medida « ... de eutanásia para os deficientes e os criminosos ». ¹⁵ O segundo terreno, o da política, cuja força manifesta-se claramente no terreno precedente, o da medicina, permite e até mesmo dita a execução da perspectiva eugenista podendo até materializar essa pulsão de exterminação. Este segundo terreno, logo que é empregnado de metáforas orgânicas e corporais ¹⁶, segundo lado do entrelaçamento mencionado, não demora a se confundir com o que constitui sua lógica na perspectiva de Clausewitz, a guerra.

¹⁴ Lucia Valladares de Oliveira, *L'implantation du mouvement psychanalytique à São Paulo (1920-1969)*, tese para a obtenção do diploma de Doutor da Universidade de Paris VII, 2001, inédita, p. 159.

¹⁵ Jean Ayme, Prefácio a Alice Ricciardi von Platen, op. citada. 2001.

Note-se sobre esse ponto preciso que uma perspectiva inversa pode ser lembrada segundo a qual a política não é senão uma servidora, o prolongamento da guerra.¹⁷ A guerra, qualquer que seja a forma, é então primeira e definitivamente marcada pelo projeto de exterminação considerado como chave da sobrevivência _ fazer com que o adversário seja obrigado, escreve Freud, « a abandonar sua reivindicação ou sua oposição (...) o que é conseguido da maneira mais radical quando a violência elimina o adversário de maneira permanente, isto é, leva-o à morte ». E Freud acrescenta, nessa carta enviada a Einstein em 1939, « ... o ato de matar o inimigo satisfaz uma força pulsional... ».¹⁸

1933 : nesta data havia mais de dez anos que Freud, uns cinco anos depois da publicação de *Reflexões*, produziu esse conceito de pulsão de morte, que ele qualificou de uma « especulação psicanalítica »¹⁹, autorizando, assim, muitos a contestá-lo.

É, pois, deste lado da pulsão de morte que se deve procurar o ancoradouro desta idéia impossível mas recorrente de exterminação, presente em toda a história da humanidade. Sem querer citar aqui todos os momentos, pode-se mencionar sua manifestação durante dezenas de anos quando a Igreja romana desenvolve sua política inquisitorial marcada pela obsessão de erradicar qualquer vestígio de heresia na Europa e na América do Sul, utilizando para isso práticas cujo sentido não deixa nenhuma dúvida, seja do caráter purificador do fogo ou da prática da tortura, quanto ao uso do corpo do sujeito herético considerado como ameaça à integridade e ao poder desse outro corpo constituído que é a Igreja, identificada como corpo de Cristo ; corpo do sujeito herético de quem se tenta extirpar o que ele contém, a essência de sua « doença », a heresia, busca interminável do significante original, busca in-finita, jamais concluída, uma vez que as « confissões » dos supliciados nunca puderam satisfazer o Inquisidor e seus auxiliares. Para além do nazismo do qual acreditou-se um tempo que ele havia atingido um ponto insuperável em matéria de tentativa de exterminação, sabe-se que a obsessão exterminadora voltou a se manifestar, em diversas regiões da África, na ex-Iugoslávia ou em palavras no

¹⁶ Lacan faz alusão a esta derrapagem, que lhe parece inelutável, da política comandada pela « idéia imaginária do todo como a que é dada pelo corpo ». Cf. *Le Séminaire livre X L'envers de la psychanalyse* (1969-1970) Paris, Seuil, 1991, p. 33.

¹⁷ Abordei num recente artigo essa questão da guerra questionando a oposição enganadora entre a guerra e a paz. Cf. « La paix éternelle ? » *Le Bloc notes de la psychanalyse*, n° 18, 2003.

¹⁸ *Pourquoi la guerre ?* OCP vil. XIX, Paris, PUF, 1995, p. 70.

discurso e na política dos Estados Unidos engajados na luta pela erradicação do mal ao preço de uma negação dos valores que os dirigentes americanos não cessam de lembrar, a democracia e a liberdade²⁰.

Essas breves lembranças, recolocadas numa perspectiva teórica, levam a essa formulação da pulsão de morte, a saber o que se pode chamar de fantasia da exterminação e a recorrência de sua execução, no campo que Lacan gostaria de ver chamado lacaniano,²¹ o do gozo. Sem entrar no momento nos desdobramentos que o conceito de gozo sugeriria do qual Erik Porge ressalta que ele constitui para Lacan um « campo » porque não existe o gozo sexual identificável como tal mas « uma variedade de gozos que fazem esse papel » e que este campo do gozo expressa assim « qualquer coisa que escapa a toda simbolização »²², é preciso ter em conta o caráter inacessível de seu objetivo que determina a repetição do processo que constitui o teatro, no caso o processo de exterminação : goza-se e não se pode cessar o gozo já que o objetivo visado nunca é atingido, é um engodo, uma sombra enganosa da origem.²³ Processo fechado, processo sem fim do qual Lacan mostrou a estrutura recorrendo à imagem da banda de Moebius.

Uma das características da idéia de exterminação e de sua execução é a materialização trágica da aporia vista há pouco, lugar de realização desse processo sem fim que é o gozo, que se sustenta com a busca de um fim : fim, aniquilação sem retorno de tal doença pela erradicação dos agentes microbianos ou virais que a causam _ a reaparição neste início do século vinte e um, em certas regiões do mundo, da peste que se pensava ter-se tornado um mito, prova o caráter ilusório e impossível dessa idéia de fim ligada à de exterminação ; fim da heresia pela eliminação dos heréticos, categoria, posição que não desapareceriam assim como a idéia religiosa jamais desapareceu e porque há sempre os heréticos de uma causa ;

¹⁹ Sigmund Freud, *Au-delà du principe de plaisir* (1920) in *Essais de psychanalyse*, Paris, Payot, 1981, p. 65.

²⁰ Em seu mais recente livro, *Etat d'exception*, Paris, Seuil, 2003, Giorgio Agamben ressalta que « a novidade da 'ordem' do presidente Bush é o fato de anular radicalmente qualquer estatuto jurídico do indivíduo, criando assim um ser inominável e inclassificável ». Lembrando a situação dos detidos de Guantanamo, Agamben observa que « única comparação possível é a situação jurídica dos judeus nos *Lager* nazistas, eles que tinham perdido juntamente com a cidadania toda e qualquer identidade jurídica, mas mantinham ao menos a de judeu » p. 13-14. Cf. também com as observações de René Major, principalmente em seu último livro, *La démocratie en Cruauté*, Paris, Galilée, 2003.

²¹ Jacques Lacan, Le Séminaire Livre XVII, *L'envers de la psychanalyse* (1969-1970), op. cité, 1991, p. 93.

²² Erik Porge, Jacques Lacan Un psychanalyste Parcours d'un enseignement, Ramonville Saint Agne, érès, 2000, p. 238.

fim do judaísmo, causa de todas as desventuras e ameaça para a pureza da raça ariana, pela exterminação do judeu. Esta busca por definição infinita e como tal repetitiva de um fim impossível, atestada e atizada pela persistência de um resto *infinito*, não identificável _ o objeto a de Lacan _ constitui simultaneamente, subjacente à idéia de pureza, a busca exasperada, também infinita, do UNO, do mesmo e da totalidade : um só povo, uma só raça. Busca de um além da morte, pretensão da *segunda morte*²⁴, corrida interminável para um domínio e uma dominação absolutas dos quais Michel Foucault expressou a influência contemporânea no conceito de bio-poder.

Busca do *fim* e do *uno*, *fin* e *un* em francês, na conjugação significativa conduz ao *fun* inglês no seu lado grotesco, aquele que Chaplin desenha sem rasura no “Grande ditador” : sua atualidade não precisa ser demonstrada.

²³ « Uma piada que se ouve pela segunda vez , escreve Freud, não terá mais quase efeito, uma representação teatral nunca produz pela segunda vez a mesma impressão que deixara na primeira ; (...) A novidade será sempre uma condição do gozo » *Para além do princípio do prazer*, op. citada p. 79.

²⁴ Cf. as observações de Françoise Josselin, « L’athéisme selon Lacan » in 2001, *Lacan dans le siècle, Colloque de Cerisy*, Paris, Editions du Champ Lacanien, 2002, pp. 147-153.